

# THE WORLD WE HAVE LOST

PETER LASLETT  
Cambridge, University Press, 1971.

■ Por **Roberto Verosa**, Engenheiro, Mestre em Administração Pública pela Universidade de Pittsburgh, Doutor em Sociologia pela EHESS, Paris, Professor Titular do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV e Professor Visitante da University of St. Andrews, Escócia.

**D**uas questões deveriam ser respondidas antes de se escrever uma resenha de um livro sobre demografia histórica para ser publicada em uma revista de Administração de Empresas: por que um livro datado (sua primeira versão é de 1965) deve ser lido?, e por que um livro sobre demografia histórica deve ser lido por administradores de empresa? Essas questões são ainda mais importantes se considerarmos que a demografia empírica ainda está procurando um referencial coerente que reúna as conflituosas tendências nas pesquisas mais recentes (Seccombe, Wally., 1992 *A Millenium of Family Change*, London, Verso). Em primeiro lugar, e respondendo a ambas questões conjuntamente, quando estudamos organizações, esquecemos de incluir processos, tais como nascimento, migração e morte, que estão, paradoxalmente, sempre presentes nas organizações. Fertilidade e migração, assim como família e reprodução, são objetos típicos dos estudos demográficos. Em segundo lugar, o livro do Professor Peter Laslett é um clássico e, só por isto, mereceria ser lido e relido várias vezes. Para que o leitor não abandone a leitura desta resenha, seria prudente justificar melhor as razões que estimulam a abordagem demográfica no estudo das organizações. Observe-mos um evento moderno: nas organizações, se examinarmos dados demográficos desagregados verificaremos que a idade média está diminuindo. Em outras palavras, as populações organizacionais estão se tornando mais jovens. Desta observação decorrem várias implicações; pelo menos uma delas merece ser destacada: se a tendência à manutenção de uma população jovem deve ser estimula-

da, as empresas devem se preparar para porem em prática planos de aposentadoria que mantenham estes fluxos. Há um infundável número de razões para se continuar a especular sobre a convergência e a determinação entre estudos demográficos e estudos organizacionais, porém, essas razões estão além dos limites de uma resenha bibliográfica. Se o leitor estiver parcialmente convencido, creio que seria útil citar os principais focos de atenção de *The World We Have Lost*. O livro explora questões, tais como o tamanho e a estrutura das famílias na Inglaterra pré-industrial, o número e a posição dos agregados em diferentes famílias, as taxas de migração, o grau de alfabetização, o tamanho e a composição das aldeias, cidades e classes sociais, as condições de trabalho e de mobilidade social. Na edição de 1971, foram adicionados capítulos sobre a condição dos bastardos e as relações possíveis entre fome e população, sob a ótica malthuso-cambridgeana. Para começar, podemos salientar que a proposição de a passagem das famílias extensas para as famílias nucleares, com o advento da revolução industrial, não se sustenta à luz dos estudos histórico-demográficos. As famílias nucleares antecederam a revolução industrial e podem mesmo terem contribuído para seu advento. Um outro aspecto importante é o que as diferenças entre as famílias do Leste e do Oeste Europeus se acentuam quando examinamos: diferença etária entre maridos e esposas; período de aleitamento; número de empregados que integram núcleos familiares e, por derivação, tendências à exogomia. Uma dimensão também pouco considerada em estudos organizacionais, já mencionada acima, é

a tendência à emergência de uma cada vez mais importante faixa de terceira idade. O número crescente de mulheres que trabalham fora do lar deverá também redefinir a divisão sexual do trabalho, a divisão sexual das emoções e a divisão sexual do trabalho emocional (Venosa, Roberto. "Divisão Sexual do Trabalho, Divisão Sexual das Emoções, Divisão Sexual do Trabalho Emocional", artigo a ser publicado em breve). Uma derradeira nota para aqueles que, embora tenham achado "interessante", acreditem que já não tenham tempo para investir em outros tipos de leitura: Peter Laslett iniciou sua vida acadêmica em Cambridge como Professor de História e Teoria Política.

Depois de vinte anos ensinando Política e História, fundou o Centro para a História das Populações e das Estruturas Sociais e, embora aposentado formalmente, não deixa de comparecer aos *coffee-breaks* das sextas-feiras. Sempre às 11 horas, algumas vezes usando sua cambridgeana gravata borboleta. Quando *The World We Have Lost* foi publicado pela primeira vez, Peter já estava beirando os 50 anos.

*The World We Have Lost* é um livro escrito por um erudito Professor do Trinity College, em Cambridge, e de leitura muito agradável, talvez mesmo agradável só para confrontar com a tradição histórico-demográfica na França, na qual se escreve difícil para não ser entendido. □

## IN THE AGE OF THE SMART MACHINE - THE FUTURE OF WORK AND POWER

SHOSHANA ZUBOFF

New York, Editora Basic Books, Inc., Publishers, 1988.

■ Por Edith Seligmann Silva, Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração da EAESP/FGV e Professora Adjunta do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Quais, exatamente, as transformações que a informatização acarreta para a administração? De que modo se alteram as relações de poder e as relações interpessoais dentro da empresa quando a tecnologia coloca ao alcance de todos informações que, antes da introdução do computador, só eram acessadas pelos administradores? Por que o aproveitamento pleno dos potenciais oferecidos pela tecnologia de informação exigem uma nova sociabilidade e no que consistem as novas aptidões psicossociais essenciais à intercompreensão e à interatividade? E, finalmente, quais os cenários futuros que se descortinam diante do administrador?

A autora esclarece, no limiar de seu livro, a posição que decidiu adotar como ponto de partida para seu estudo: "As opções para o futuro não podem ser deduzidas a partir de dados econômicos ou de medições

abstratas do funcionamento organizacional. Elas estão inseridas nos detalhes vivos do cotidiano da vida no trabalho em que as pessoas comuns confrontam os dilemas levantados pelas características transformadoras da nova tecnologia de informatização. Por esta razão a pesquisa aqui apresentada ilumina a textura da experiência humana – o que as pessoas dizem, sentem e fazem – ao lidar com as mudanças tecnológicas que impregnam seu ambiente imediato."

Propondo-se estudar os desafios e as alternativas que a informatização coloca para os administradores, a autora pesquisou longitudinalmente oito grandes organizações. A investigação incluiu indústrias e escritórios. Dentre as empresas estudadas, figurou um banco de grande porte. Foi possível realizar estudo comparativo entre três indústrias do ramo de papel e celulose que se diferenciavam entre si, tanto pelas lógicas administrativas